

VIROU PASSEIO

MINHA PAIXÃO

**PELA PAIXÃO
NACIONAL**



**GABRIEL
SCHULZ**

Ficha Técnica – Virou Passeio

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Brasília – DF

Autor: Gabriel Schulz

Orientação: Gabriela Freitas

Revisão: Angélica Pereira Schulz

Capa: Filipe Schulz

Diagramação: Tatiana Raposo

Ilustração: Gabriel Schulz

Tipografia: Andada

VIROU PASSEIO

Gabriel Schulz

Brasília, 2018

Sumário

Dedicatória

Prefácio

10 200 e essa não é uma história de homens de Esparta

14 Quando eu crescer, quero ser aposentado

19 A beleza fora das chuteiras

25 Isto não é um cachimbo

29 Nascidos no milênio ouvindo rádio

35 Tá na hora do Play

40 C R 7

43 Guardiola no Vasco

49 O Felipão da minha vida nem é Felipe e nem Scolari

54 Chegou o disco voador

59 A gente mora no quadradinho

64 Chuteira preta

69 Twitter mais uma vez

74 Garganta torcida

Agradecimentos

Dedicatória

À Dona Angélica,
aquela que me trouxe à vida.
Dedico a ela este meu dom da escrita.

Prefácio

E lá vem eles chegando de novo. Dessa vez, não são os jogadores alemães na zaga brasileira. É só mais uma para a conta de referências. Não sou a seleção da Alemanha, mas vou passar várias vezes no campo de futebol da imaginação com este lindo livro que vocês estão prestes a ler.

Gostaria que colocassem as chuteiras da força de vontade de, sim, ler mais um livro sobre futebol. Colocar a camisa da confiança (não do Confiança, um dos grandes times do precioso futebol sergipano, um abraço Marcel) e acreditar que esta leitura vai fazer você afirmar: *futebol é massa!*

Estes parágrafos, além de deixar o meu livro com cara de livro e não de um trabalho de conclusão de curso, são para vocês abrirem as portas dos seus estádios pessoais. Deixar a torcida dos meus escritos entoar hinos de alegria e de motivação para o time da literatura jornalística cronista futebolística fazer muitos gols e deixar uma nação feliz. No caso, eu mesmo.

Para finalizar, quero parabenizar aos que estão entrando em campo. Vocês são a base juvenil que vem forte para o time profissional de dar alegria a qualquer um. Já estou abrindo um lindo sorriso aos que toparam assistir (ler) este jogo (livro). Vocês estão prestes a presenciar uma loucura repleta de imaginações futebolísticas, exposição nas várias páginas a seguir de uma variedade absurda de doidices e histórias malucas que merecem uma taça de campeão. No caso, vocês já são meus campeões.

Meus caros leitores,
Façam das suas aventuras ao ler este livro o mesmo que o
time da Alemanha fez no Brasil em 2014: um passeio.

Deleitem-se.

200

**e essa não é uma história de
homens de Esparta**

Aaah... O famoso *Duzentão*. O *duzen* o quê? Pois é, como assim ninguém nunca ouviu falar do grande clássico sabático matinal da 202 norte? Grandes nomes do futebol brasileiro passaram por essa quadra poliesportiva que de *poli* só tinha dois gols e um chão todo apagado, quase não dava para ver onde era linha e onde era concreto.

O caro leitor deste texto deve saber que esses grandes nomes ao qual me refiro são, para mim, a maior importância da minha carreira como lateral esquerdo. Ou zagueiro, ou até mesmo goleiro de bandana. *Ah, lá vem aqueles textos de como o futebol foi importante para o escritor*. Sim. O texto é isso mesmo.

Era quase 13 horas. O horário já estava avançado para um sábado de manhã, em que as famílias só esperam o seu integrante boleiro chegar em casa, tomar um banho e almoçarem todos juntos. Só restavam 10 jogadores, cinco para cada lado. Todos os outros já tinham ido embora. No placar, 1 a 1 e nada do famoso *2 gols ou 10 minutos* (mais conhecido como, jogo) se resolver. Foram os 10 minutos mais longos da história das quadras futebolísticas.

Precisava sair um gol, precisava que a bola atravessasse o goleiro para que todos pudessem resolver o dilema substancial de toda a existência da vida do boleiro. Dar o soquinho no ar em direção a mochila com carteira, celular e garrafa de água. Tomar ou pedir o último gole na garrafinha, entrar no carro, colocar o ar condicionado no 4 e ir voando para casa.

Mas naquele dia ninguém queria sair da quadra. Já sem fôlego, o ar sem umidade de Brasília tomando conta das narinas de 10 pessoas que começavam a se questionar: *Por que fui aceitar uma última para acabar?* Até que acontece o

contra-ataque. Todos os 10 na minúscula área se atracando e tentando arrancar um gol ou a mão do goleiro. O goleiro pega.

Dentre o amontoado que estava na quadra, três voltam com mais velocidade: o outro goleiro, um atacante afobado e um zagueiro sagaz. A bola sobe, continua subindo e fazendo uma grande e longa curva no ar. Atravessando todos os pensamentos dos jogadores. Tapando a luz, que queimava o concreto, por alguns segundos. A curvatura da bola impressiona a todos que até paralisa o restante dos sete cansados jogadores.

Os outros três só tinham um pensamento em mente, a chance de brilhar. O goleiro: se essa bola vier alta vou dar o meu pulo do gato chinês olímpico que Taffarel iria chorar de inveja. O atacante: vou dar um voleio de primeira que o prêmio Puskas vai mudar para o meu nome. O zagueiro: vou dominar essa bola, passar para o primeiro atacante que eu ver, fazer uma tabelinha, cravar a bola no fundo do gol e nem vou olhar para trás, vou sair correndo, paro só em casa.

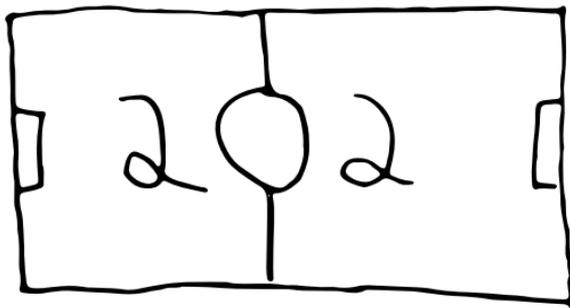
A bola desceu. A bola chegou. A bola foi chutada. A bola alcançou o seu objetivo que é fazer parte do espetáculo das chuteiras. Mas antes que a bola fizesse seu brilhante e inimitável papel, o zagueiro tomou mais fôlego. Tomou vantagem do cansado atacante que o acompanhava no *ballet*. Adiantou-se tanto que não deu tempo de dominar a bola.

Em instantes de segundo o cérebro toma decisões mais rápidas que a mente possa processar. E aconteceu, o zagueiro chutou. Mas o chute foi tão lindo e tão preciso que ao invés de cobrir o atacante, cobriu o goleiro. Esse que deu o seu pulo do gato chinês olímpico, mas não conseguiu. A bola entra no gol. A bola atravessa o goleiro por cima. A bola encerra seu

papel e as cortinas fecham.

Foi gol. Todos cansados, deitam no chão ignorando o calor do concreto. Todos cansados, jogam e água no rosto, na nuca, na garganta. Todos cansados, entram no carro e ligam o ar condicionado no 4. Todos cansados de tanto jogar. Mas o maior cansaço que um boleiro pode ter, não é o de passar quatro horas correndo para todos os lados em uma pequena quadra. É o de alegrar-se com um gol. Um gol contra.

E é com um gol que inicio este livro. Um lindo gol. Mas ao contrário do gol narrado, este livro vai na direção certa e marca o placar com seus escritos. Um livro que, sim, é sobre o futebol. Textos e mais textos de gols e outros grandes feitos que a própria arte das chuteiras tem para oferecer a nós ouvintes, espectadores, narradores e leitores.



**Quando eu CRESCER, quero
ser aposentado**

Primero dia do estágio, ainda me adaptando ao lugar novo. Sem senha para computador, sem programa instalado para fazer artes e sem uma garrafa de água própria. Ainda esperando o supervisor chegar. O que fazer? Ir na copa socializar e tomar um cafezinho? Ou abrir *site* de notícias? Bom. Fui lá e abri a porta e surfei na internet.

Abri as portas da internet e fui na primeira matéria: *Ronaldinho Gaúcho se aposenta. Veja aqui o destino dos jogadores que ganharam a copa de 2002. Eita!* O Lúcio ainda joga. Mas, pera aí, o Ronaldinho Gaúcho se aposentou! Esse deveria ser o verdadeiro E I T A.

Desde criança ouço a expressão: Não vi Pelé jogar mas vi (insira aqui um jogador). Sempre a achei meio sem graça. Claro que vimos Pelé jogar. Todo ano de Copa do Mundo algum programa da televisão ou página no Facebook (agora na era moderna das redes sociais) coloca os lances, dribles, gols, entrevistas e outras formas de como Pelé jogou. Estamos constantemente sendo lembrados do maior jogador de todos os tempos e seus três títulos mundiais.

Mas mesmo assim, não vi Pelé jogar, mas vi Ronaldinho. Esse que anuncia sua aposentadoria trazendo consigo toda uma reflexão pessoal de que o tempo passa. Quando menos se nota, os jogadores que estão indo para a Rússia defender o Brasil na Copa de 2018 têm a mesma idade que eu. Isso é um belo de um carrinho metafórico – de centro avanço que foi desarmado e enquanto você passeia no meio de campo sozinho a caminho de virar um jogo apertado de 1x1 valendo uma garrafa de coca-cola – que invade minha cabeça.

Ronaldinho aposentou-se e agora? O futebol arte morreu.

O drible da vaca, o elástico, o *hang loose* para os céus não vão mais passar na televisão. O Barcelona Futebol Clube continua sendo um grande time, mas com menos brilho. E agora? Aquele que era inspiração de vários garotos nascidos no início dos anos 90. Aquele que fez a Nike ganhar muito dinheiro com a chuteira preta R10. Ele não estará mais nos campos fazendo arte e mágica, e fazendo você uma pessoa mais alegre.

No seguinte parágrafo aponto uma justificativa que definirá os rumos do significado das palavras da língua portuguesa. O puro suco brasileiro, como já dizia meu irmão, é o próprio R10. Os sambas nas comemorações e o samba artístico no que diz respeito a fazer gols. Passar a bola e olhar para o outro lado ao mesmo tempo. Passes de calcanhar, de costas e por baixo das pernas dos zagueiros. Faltas cobradas de longas distâncias (gols que o goleiro só olha para o lado porque nem viu de onde veio a bola), curtas distâncias (em que força o goleiro a dar um pulo do gato e mesmo assim não alcançar) e por baixo da barreira (eternizado na *Champions League* no jogo de Barcelona x Werder Bremen e no jogo histórico Santos x Flamengo). Humor, pandeiro e uma faixa na cabeça. Se você leitor, dono da língua portuguesa estiver lendo, por favor inclua o seguinte significado nos próximos dicionários: *Puro Suco Futebolístico Brasileiro – Ronaldinho Gaúcho*.

O homem que encantou: Rio Grande do Sul, Paris, Barcelona, Milão, Rio de Janeiro, Minas Gerais e até Querétaro (com seus trinta e tantos anos deixou os mexicanos com várias alegrias). Isso são apenas as cidades nas quais ele jogou nos seus respectivos clubes. O quanto R10 não encantou apenas o Brasil e sim o resto do mundo? Ainda mais, o homem que

encantou e encorajou os garotos que não viram Pelé mas viram Ronaldinho Gaúcho jogar com maestria.

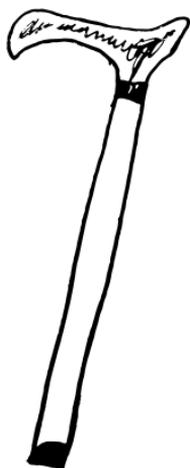
A quantidade de meninos brasileiros que ele não deve ter inspirado? Quem sabe, todos que estão indo jogar na Copa de 2018? Aqueles que olharam para a televisão, viram um homem driblar um time inteiro e enfim comemorar perto da bandeirinha com um samba.

Olhar matérias, gols (entrei no site de vídeos Youtube e vi os 25 gols que só Ronaldinho sabe fazer e realmente, só ele) e homenagens feitas no dia em que se anunciou a aposentadoria traz um grande calafrio – daqueles dentro do túnel antes de subir para o gramado e jogar uma grande partida da qual eu nunca senti, mas que deve ser um grande calafrio na espinha.

A cada chuteira que é pendurada dos grandes jogadores, uma criança chora. Essa criança é metafórica e ela habita dentro do escritor deste texto. Mas é uma criança inspirada em que não conseguiu expressar sua arte nos campos e sim, nas palavras. Tendo Ronaldinho como referência expresso nas palavras e dou os dribles corretos e cativo você, leitor. Se até agora não arranquei uma risada, um sorriso ou uma compaixão pelo sofrimento de não ver mais R10 jogar, então sei que preciso de mais treino, tentar, ao invés de fazer um passe de letra no meio das pernas de um marcador, um passe simples.

Em 2018 Ronaldinho aposenta, declara que suas chuteiras serão guardadas. Assume que o tempo dele chegou e que seus 30 anos atuando nos gramados fez mágica e mostrou ao mundo: sou o melhor. Em 2018 a arte do futebol, a estética da ginga e o humor brasileiro me inspira a fazer mágica e

mostrar ao mundo, assim como Ronaldinho Gaúcho mostrou:
serei o melhor.



A beleza

fora

das chuteiras

Qual foi a melhor copa? Muita gente pode dizer: a de 70, pois tínhamos o Esquadrão. A de 94, porque foi o tetra que estava guardado há 24 anos dentro dos pulmões. Eu digo: a de 2014. Ué, como assim? É um garoto muito do insolente querendo ser o ousado da galera, o marginal da sociedade que odeia futebol. *Ah, mas porque o 7 a 1 não sei o que...blá blá blá.*

Gostar da Copa de 2014, para o brasileiro, é um tanto quanto incomum. Mas se você perguntar pelo Twitter, irá encontrar vários fãs e adeptos da melhor Copa de futebol? Não sei. Mas se existisse uma Copa de Futebol das Piadas, o povo brasileiro com certeza levaria a Taça Jules Rimet¹. Esse povo que, em 2014, mais uma vez, em grandes eventos que acontecem dentro do país, ganhou sem nem fazer muito esforço.

Quando surge algo que a internet é o sujeito da ação principal, a criadora de piada ou brincadeira, muitos portais de notícia têm um comportamento. Esse é o de atribuir ações exageradas como: *a internet não perdoou, quebrou a internet, a internet não está sabendo lidar, etc.* Por exemplo: quando um jogador da seleção australiana postou uma foto de uma aranha enorme em seu quarto. Muitos comentários brasileiros foram: *Você veio da Austrália, supera.*

O grande problema desses portais é que tentam replicar na televisão ou trazem os jargões para o jornal impresso. O que, infelizmente é uma tragédia. Sabe-se que na internet está tudo normal.

E aqui, neste texto, não haverá esse comportamento. Os seguintes parágrafos irão trazer um pouco do que é ser a

¹ É o nome da taça da Copa do Mundo da Fifa até 1970, uma homenagem a um dos primeiros presidentes da Fifa, Jules Rimet, que também foi o idealizador da ideia de dar uma taça ao ganhador da Copa do Mundo.

geração que viu 2014 acontecer tanto na televisão com jogos maravilhosos, quanto na tela do celular com piadas magníficas. Lembrando que 2010 também teve o seu volume de piadas, mas quase ninguém tinha um celular com *internet* boa o suficiente para aguentar o turbilhão de informações.

Voltando 4 anos atrás, quando eu e minha família nos encaminhávamos para um lindo almoço de domingo, era perto de 13 horas e o trânsito no centro de Brasília estava parado. Jogo na cidade. Fecharam o Eixo Monumental na altura da Rodoviária. Ninguém subia. Não de carro. Mas sim a pé. Naquele dia subiam alguns suíços com equipamento de *fondue*. Enquanto os portões do Mané Garrincha não abriam, eles apreciavam o que eles têm de melhor da culinária suíça queijo: derretido e cerveja.

Mas o que suíços doidos têm a ver? Tudo! A Copa de 2014 teve jogos memoráveis, gols lindos, muito choro e alegria dentro dos campos. Mas o que aconteceu fora deles foi um evento à parte que mostrou ao mundo que o Brasil é lindo, dentro e fora do gramado.

A beleza de ter torcedores malucos, desde Manaus até Porto Alegre, a recepção brasileira, os gringos não entendendo o que é um *self-service*, o inglês que passou 4 dias seguidos vestido da mesma roupa de cavaleiro e não sabia o que estava bebendo (Itaipava) diz muito sobre o talento de diversão que o brasileiro tem. Mesmo não calçando uma chuteira, sai driblando três zagueiros e fazendo gol com a perna esquerda depois de ter matado a bola no peito e dado um drible de chapéu no terceiro zagueiro driblado.

Por que que até agora não foi citada, especificamente, a

torcida brasileira? Porque vamos lembrar: a única boa memória da torcida foi a música *Mil gols...* e o gaúcho triste no 7 a 1 segurando a taça. Nada muito memorável que tenha acontecido veio das arquibancadas dos jogos, não dos brasileiros. Só os japoneses que, usando a sacola das Lojas Americanas como bandeira, do Japão limpando todo a sujeira que eles fizeram e criando então a piada pelos corredores da internet brasileira com a frase: Japoneses dão uma aula de educação.

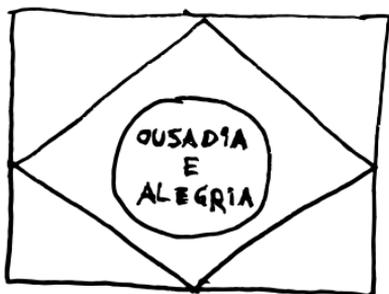
Ainda não se chegou ao ponto de a beleza brasileira ter sido fora dos campos. O motivo disso é que, como se trata de um evento mundial, nem só os brasileiros se destacam. Como, por exemplo, o caso do jogador uruguaio Suárez que mordeu o jogador italiano Chiellini. Uau, esses uruguaios, além de terem que devolver todo o doce de leite de volta para o país quando chegaram no Brasil, tiveram que aturar essa ação sem noção do Suárez. Mas, e o italiano? Bom, enquanto o Uruguai perdia de 2 a 0 para a Colômbia o jogador italiano Chiellini tirava uma foto, com o pessoal que trabalhava no hotel fingindo morder o ombro do jogador.

A minha primeira lembrança de ficar maravilhado com a alegria que as seleções sentiram ao estar no Brasil foi dos jogadores Bastia Schweinsteiger e Manuel Neuer, da Alemanha, cantando junto com brasileiros o hino do Esporte Clube Bahia e, se não bastasse a cantoria alegre, eles estavam usando a camisa do time nordestino. A primeira lembrança mesmo de piada brasileira, recebi em um grupo de mensagens instantâneas. Era o jogador brasileiro Marcelo usando a camisa da seleção da Croácia como se fosse jogador do time. Logo após ele inaugurar a copa com um gol, um gol contra. Croácia 1

a O Brasil, mas pelo menos no humor estávamos ganhando.

Parafrazeando Petkovic: ei galera, estou animado! Tudo melhorou depois da Copa de 2014. Foi o amor pelo esporte que melhorou? Um pouco. Afinal, não dá para ficar muito otimista com o rumo do futebol brasileiro pós-copa no Brasil. Mas o amor, por estar sempre otimista independentemente da situação de desgraça futebolística, cresce a cada novo infarto que a seleção canarinha traz ao meu pequeno coração.

Superamos o *Maracanazo* de 50. Há de superarmos o *Mineirazo* de 2014. Que Deus perdoe essas pessoas ruins que não superaram esses traumas. Afinal, eu sou brasileiro e não desisto nunca. Na verdade, eu sou brasileiro e vou cantar: *Êtaaa êtaaa, o Messi não tem copa. Quem tem é o Vampeta*. Porque o melhor do Brasil, é ser belo fora das chuteiras fazendo uma piada.



Isto

não é um cachimbo

Nem concordo, nem discordo. Mas se for para concordar, eu discordo em partes. Futebol é arte. Mas antes, o que é arte? Te peguei! Não vamos entrar nessa eterna discussão, pois para uma boa afirmação basta um fato e o fato é que estou afirmando: futebol é arte.

As pessoas vão para o estádio, levam crianças e a sogra. Compram ingresso e escolhem cadeiras todas voltadas para um palco. Sentam na frente da televisão por 90 minutos (a duração média de um filme de animação), comem pipoca e tomam refrigerante. Em finais de grandes campeonatos, as pessoas até vão ao cinema (algumas finais da *UEFA Champions League* a ESPN transmitiu nas salas de cinema).

Compram camisa, relançam modelos de camisas de times mais antigos, decoram a casa com as cores do time de coração, tatuam o brasão no peito, cantam hinos, levantam bandeiras, fazem time amador, jogam vôlei com os pés só para dizer que joga algum tipo de futebol. Dá aos filhos nomes em homenagem a jogadores, ou em alguns casos vai para o nome do cachorro mesmo.

Crianças imitam o corte de cabelo do principal jogador do seu time, colecionam figurinha. Fazem os pais se matarem para conseguir um autógrafo, colecionam chuteiras velhas, camisas herdadas do avô. Pedem, de Natal, um *videogame* para jogar um único jogo, o de futebol.

O povo torce, canta, grita, chora, se frustra e se alegra. Corre, sonha, joga e compete. O time traz medalha, traz título, traz taça. Pretendo supor que aqui já consegui fazer os senhores entenderem o que a minha afirmação inicial quer dizer.

Então, pode-se dizer que o futebol fez parte da história da

cultura popular e continua fazendo. Trazendo adaptações culturais de acordo com o vir das novas gerações. Meu pai simulava e imaginava o futebol com botões e pregos. Hoje, a minha simulação envolve engenharia de *software* e linguagem de programação que simula uma partida nos mínimos detalhes, de cantos de torcida até as tatuagens dos jogadores reais.

Peço um favor de considerar as palavras deste texto: não é nem para concordar e nem discordar, mas sim entender. Mas se quiser concordar ou discordar, pode também. Sou apenas um cara escrevendo um texto. O qual quer influir o pensamento artístico e a visão estética que o esporte futebolístico proporciona.

E é por causa de umas linhas lidas em um livro, de Edgar Morin (2009), que desde o primeiro parágrafo quero dizer: futebol é arte. As linhas, a seguir:

O produto cultural está estritamente determinado por seu caráter industrial de um lado, seu caráter de consumo diário de outro, sem poder emergir para a autonomia estética. Ele não é policiado, nem filtrado, nem estruturado pela Arte, valor supremo da cultura dos cultos.²

Como eu já dizia no início deste texto: se for para concordar, eu discordo. Explicando: é que o futebol como produto cultural ele é sim policiado, filtrado e estruturado pela Arte. Por quem? Por mim. Não sou dono da Arte mas reconheço que

2 MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: neurose. Trad: Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 9ª edição. p.18

quando vejo uma obra de arte, olho para a pessoa do lado e digo: Isso é Arte!

Foi o que eu disse às pessoas ao meu lado no bar quando a Holanda jogava pela Copa de 2014 e o Van Persie faz um gol de peixinho e consagra seu dom dentro de uma pintura, não a de óleo sob tela. Mas sim em pixel por polegada. Ou sendo mais literário, a obra de arte que o jogador holandês gravou na minha alma futebolística.

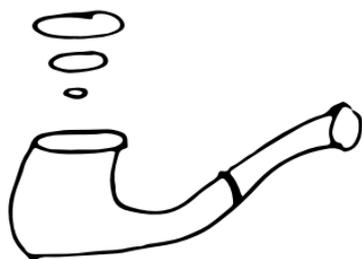
Roberto Carlos, não o cantor e sim o jogador. Cobrando uma falta muito linda, tão linda que os medidores de unidades de velocidade não souberam calcular porque quebraram. Estavam ocupados demais para registrar quantos quilômetros por hora a bola fez no trajeto. Eles foram lá e registraram na história da arte, uma bela obra.

Tudo bem, Morin teve seu livro todo para explicar produtos culturais de massa e sua estética. Num capítulo do seu livro, traz ao leitor os conceitos de cultura popular e, no caso, está se referindo a produtos de massas da época em que a televisão era o meio de maior consumo. Mas o que trago neste texto é mais do que um produto de massa que se tornou o futebol após o fenômeno da globalização e dos anunciantes em camisas. É da arte que estou falando.

Arte do corpo, arte da bola, do campo e das cores das camisas dos times. Arte do brasão, dos mascotes e dos hinos de torcidas organizadas. Arte da narração no rádio, na televisão, na internet. Arte da narrativa do jogador que começou a jogar bola com a família desempregada e hoje é o lateral do maior time da atualidade (Marcelo, do Real Madrid). Arte dos apostados, que vem em duas versões: de areia e futevôlei. Arte

do feminino, da leoa da Holanda, da Marta jogar lindamente.
Arte do cego e sua bola que faz barulho.

Temo, meus queridos leitores, é que os senhores ainda não consigam afirmar que futebol é arte. O que não temo é em afirmar, é arte sim.



Nascidos
NO MILÊNIO
ouvindo rádio

Na Copa do Mundo de 2018 eu assisti jogos: em duas telas simultâneas enquanto editava um vídeo no trabalho: o primeiro tempo de um jogo ouvindo no rádio; o segundo tempo de outro jogo, novamente ouvindo no rádio. Brasil e Sérvia vi o primeiro tempo sozinho por causa de trânsito. Assisti com amigos, com inimigos. Xinguei e chorei. Abracei um idoso e também quis mandar este mesmo idoso calar a boca porque descobri que ele era de um tremendo chato. Vi jogo no bar, vi jogo no shopping. Vi jogo numa escola sábado à tarde cantando: *O Di maria, o Mascherano e o Messi tchau o Messi tchau tchau tchau. O argentino está chorando, porque essa copa eu vou ganhar...*

O choro do argentino veio, mas logo depois veio o do brasileiro também. Futebol é assim. Odeio essa frase, mas ela resume todo acontecimento futebolístico mundial que acontece de 4 em 4 anos. Em 2022, quando Neymar comemorar seu terceiro gol na final rolando no chão, vou virar para o lado e dar um belo grito em formato de placa néon 24 horas: **FUTEBOL É ASSIM!**

Essa explosão de sentimentos dos torcedores que irradia mundo afora é uma das coisas mais bonitas que existem. A violência da gritaria é tamanha que na França queimam carros. No Brasil pelo, menos, quando campeão, tem-se um segundo carnaval. Festa. Abraçar desconhecidos. Declarar-se para os inimigos. E pagar toda a conta do bar. Expediente reduzido e horas com mesas redondas tanto virtuais quanto reais.

Em um sentimento único de parafrasear o comunicador e cientista da Comunicação Marshall McLuhan, nessa copa: os

meios de comunicação se tornaram extensões da minha alma. Não sei a de vocês, mas meu espírito ainda caminha por aí procurando uma narração emocionante no rádio, um bordão marcante da televisão, uma piada muito boa no Twitter.

Ao assistir à final da Copa da Rússia senti uma mistura de: *ual! Que emocionante e ao mesmo tempo que coisa mais sem graça.* Apenas por ter dois times europeus. Claro que o histórico da Croácia dá uma esperança de que o futebol não está morto. Claro que o fato de que boa parte do time francês ser composto por descendentes diretos de africanos traz uma alegria de saber que o futebol africano tem dominado times europeus. Mas mesmo assim tinha uma coisa no ar, uma saudade, uma vontade de ver algo perdido durante a Copa.

E então lhe pergunto: o que faltou? E lhe respondo: faltou uma malemolência sul-americana nos campos. Uma ousadia africana nas chuteiras e alegria nas canções da torcida. A reverência asiática e o respeito dos japoneses e sul-coreanos. Claro, não posso cobrar da Fifa que a final tenha 4 seleções ao mesmo tempo jogando e disputando quem é a mais bonita.

Isso tudo só para dizer que enquanto essa epifania transmutia um filme na minha mente, ela buscou uma memória de Nelson Rodrigues:

Eu diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade europeia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionísica.³

3 RODRIGUES, Nelson. A Pátria de Chuteiras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p.25

Essa tensão dionísica resume o que meu coração doido ansioso passou durante os 62 dos 64 jogos que assisti. Claro que teve uns jogos que dei uma cochilada como Bélgica e Inglaterra no último jogo da fase de grupos. Mas não diminui a sensação de viver o futebol, qualquer que seja, em todos os meios possíveis. Viver o futebol é respirar chuteiras e transpirar bolas aéreas.

Voltando. Jogos que vi o primeiro tempo na televisão e o segundo escutando no rádio: foi na partida entre Portugal e Espanha - 3x3 - no primeiro jogo na fase de grupos, porque eu precisava sair de casa na hora do intervalo. Foi emocionante. Aconteceu a mesma coisa ao assistir França 4x3 Argentina em três situações diferentes: primeiro tempo na televisão, início do segundo tempo no rádio, e o resto do jogo, na sala de aula de uma escola, num sábado à tarde. E para melhorar essa experiência, junto com amigos e gritaria.

Mas o Brasil nem estava jogando, alguém diria. Eu apenas afirmo: não importa. Como escutei em um belo canal esportivo certa vez: nada mais importa.

A música da campanha publicitária da cerveja Brahma para o mundial de 2018, tem uma parte que diz: *...mata minha sede de gol.* E foi o que aconteceu nessa Copa. Morri de tanto beber gol, qualquer um: que tenha sido feito por brasileiros ou não. Fui afogado por uma enxurrada de bola na rede. Fiquei enjoado de tanto engolir cobrança de falta (o gol do Cristiano Ronaldo contra a Espanha), drible na área com assistência (Marcelo tocando para Neymar contra a Sérvia), escanteio curto (odeio essa jogada que insistem em fazer), cabeçada (os gols de Harry Kane), chute de primeira (a obra prima do

Pavard no jogo contra a Argentina). Tudo isso transmitido por telas de computador, televisão, celular, projetor na parede, sons de alto falante.

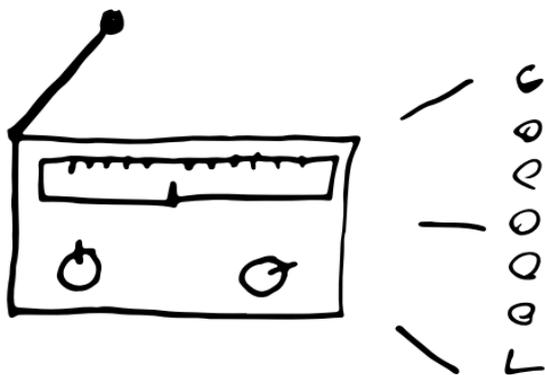
Reforço os dizeres de Nelson. O europeu joga o futebol. O brasileiro o vive. Mesmo que respirando por aparelhos após essa não vinda do hexa. O Brasil ainda vive seu bom futebol e as teorias de que o hexacampeonato vem em 2022 já começaram (em 1998 França foi campeã, logo em seguida em 2002 o Brasil foi campeão. Agora em 2018 França ganhou, 2022 é logo ali). Vivenciar parte dessas conspirações faz com que o oxigênio futebolístico bombeie os músculos da esperança de mais uma estrela no escudo da canarinha. E onde aprendi isso? No Twitter.

Aprendi também nesta rede social que ocorre um fenômeno que explica muito do que estamos vivendo em relação a experiências, principalmente se tratando de meios de comunicação. Trago-lhes uma brincadeira que fiz junto a um amigo (nascido no início dos anos 80) em forma de manchete: *Millenials assistem jogos por rádio pela primeira vez, veja reações*. Enquanto que esse amigo viveu numa época que o rádio fazia um certo tipo de propaganda: Veja jogos emocionantes, desligue o som da sua televisão e sintonize na nossa rádio.

Entenderam quando quis dizer que os meios são as extensões da minha alma? Viver a Copa do Mundo como eu vivi, foi das experiências mais gratificantes como garotinho sonhador do futebol. Viver na pátria das chuteiras e estudar na área de comunicação me trouxe experiências transcendentais multi-universais translocais em todos os sentidos.

E o que mais me alegra ao tratar de futebol e comunicação

é saber que no meio de tanta gente doida acompanhando o maior campeonato de futebol do mundo totalmente pela internet, existe um senhorzinho que estará nessa multidão com seu radinho no ouvido. Não porque ele não quer ver na telona da festa. E sim porque é mais emocionante. E claro, o sinal das ondas de rádio é mais rápido.



Tá

na

hora

do

Play

Eo Eduardo gostava de novela e jogava futebol de botão com seu avô. Diz a música de Legião Urbana. Ela foi escrita entre os anos 80 e 90. O *videogame* sempre chegou meio tardio no Brasil. É possível que Eduardo não tivesse um, só o amigo rico da quadra ou do Lago Norte. *Videogame* é um entretenimento que custa caro, mesmo para os padrões de Brasília, e estar imerso nesse elemento cultural não é tão comum como parece.

Então, resumindo, Eduardo simulava o futebol real em uma brincadeira que envolvia pregos, botões de plástico e habilidades matemáticas para fazer a *bola* bater na quina da madeira e fazer um gol bem angulado. Enquanto este escritor que vos fala, em sua infância, simulou futebol com botões sim. Mas com botões dentro de um controle de *videogame*.

Simular...como o ser humano gosta de simular. Se você observar meio cultural dos *videogames*, basta perguntar: estou procurando um simulador de (insira aqui alguma coisa muito absurda ou banal como dirigir caminhão). Você acha. Cada vez mais a indústria dos games têm criado formas criativas de simular algo rotineiro e cotidiano. Hoje, procurando um jogo para me distrair, passei por um *Simulador de Férias*. Sim. Existe.

Simular futebol. Nem precisa, jogue algo redondo no meio de crianças que elas vão acabar dando um jeito de simular uma final de Copa do Mundo em que o gol salvará vidas. Isso depois da transformação do futebol como cultura de massas entrando na vida das pessoas. Seja por meio do entretenimento assistindo a algum jogo na televisão, seja em campeonatos amadores da empresa. O futebol, por meio dessa perspectiva, não é uma simulação. Porque obviamente os envolvidos estão

de forma direta e ativa na ação de jogar bola.

Mas, em se tratando de simulação digital de futebol, vamos abrir a mente e nos conectar ao cosmos da história cultural desse esporte. Desde *Pelé's Soccer* (um jogo antigo da Atari de 1982), o ser humano vem tentando simular uma partida de futebol, mesmo que de forma muito abstrata com pixels em formato de palitos e quadrados, forçando o jogador a imaginar que está imerso no campo sendo o Pelé.

Amanhã vou para uma fazenda com amigos e, sim, não vamos simular rotina de fazenda. Vamos simular futebol. E, sim, não vamos jogar em um campo, será no videogame mesmo. Horas e mais horas adentro na madrugada escolhendo times, seleções, tomando cerveja e jogando partidas. Crianças antigamente entravam no imaginário do futebol de grandes artistas com brincadeiras de rua e botões. Hoje, basta apertar três botões que já estamos em campo com o Real Madrid.

Eu vou ser o Rivelino, sou o dono da bola, logo, escolho primeiro. Diria um garoto se ele estivesse em 1970. Em 2018 se diz: *Eu vou ser o Paris Saint Germain, sou o dono do videogame, logo, escolho primeiro.* O pensamento pessimista já vem e o famoso argumento *na minha época* ecoa ao ler este parágrafo. Mas meu caro leitor, cada um com seu tipo de imaginário. Tanto nos anos 70 quanto hoje as crianças usam seu potencial criativo para atingir um único objetivo: divertir-se com futebol.

Eu fui o dono da bola e já quis ser inúmeros ídolos da minha geração. Assim como não sou o dono do *videogame*, mas escolho os times que admiro na minha geração. Cada qual com a sua simulação. A mente criativa não para e cada vez mais que se depara com entretenimento, seja esportivo ou

não. O que me lembra das belas palavras de Galeano (2002):

*[...] assim como no carnaval há os que se põem a dançar na rua além de contemplar os artistas que cantam e dançam, também no futebol não faltam os espectadores que de vez em quando se fazem protagonistas, pela pura alegria, além de olhar e admirar os jogadores profissionais. E não só os meninos: de certa forma, e por mais longe que estejam os campos possíveis, os amigos do bairro e os companheiros da fábrica, do escritório ou da faculdade, continuam dando um jeito para se divertir com a bola até que caem esgotados, [...]*⁴

Esse fim de semana que irei passar jogando bola virtualmente é só uma resposta de que talvez eu e meus amigos próximos estejamos cansados de ir para a rua. Ou porque engordamos e machucar a coluna não é uma opção, ou porque simplesmente quanto mais adulto menos tempo de ir para rua brincar de bola. Chegar em casa, ligar o *videogame* e simular uma partida do Brasileirão ou *UEFA Champions League* (obrigado Fifa 2019) é mais fácil.

O *antes* era passar o dia jogando bola na rua, e quando era hora de ir para casa, passar a noite jogando futebol de botão. O *depois* é passar o dia jogando bola ou treinando em alguma escolinha e à noite com o olho na tela e um controle na mão. E uma possível previsão futura, essa mais assustadora por causa do crescimento do *e-sports*, é passar o dia e a noite com

⁴ GALEANO, Eduardo. Futebol ao Sol e à Sombra. 2ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.94.

o olho na tela e um controle na mão.

A bola não para enquanto ela for chutada, mesmo que seja digitalmente. Eduardo jogava futebol de botão com seu avô. Meu neto irá jogar futebol de videogame com o avô dele. Não importa a simulação, continuamos dando um jeito de se divertir com a bola até que caímos esgotados.



CR7

O ano é 2018. Você acabou de abrir sua máquina do tempo. Caiu na Itália. Chegou agora na região de Turim, parou alguém (provavelmente bem triste com os acontecimentos do dia) e traçou algum diálogo com as seguintes perguntas e indagações: *o que significa CR7? Viu o que eu vi? Olha esse vídeo. Rivaldo já fez um desse com o Barça. Você e esse alguém estarão falando uma única língua.*

Talvez não seja o italiano, nem o português e nem o espanhol. Mas sim a linguagem futebolística. De um grande talento da Ilha da Madeira que acabou de marcar um dos mais lindos gols que meus olhos já presenciaram. CR7 acabou de carimbar, consagrar e constituir um novo conceito de arte desportiva. E arriscando-me dizer, uma nova característica no dicionário quando buscam a palavra obra de arte.

Eu não vi o jogo, eu não sei o que está acontecendo na *UEFA Champions League*, mas eu sei que acabou acontecer. Um nome foi escrito no *hall* da fama na história deste campeonato europeu. Antes de descarregar palavras *cronísticas*, só queria deixar um dado importante. Portugueses com mais gols na *Champions*: SL Benfica – 390; FC Porto – 341; Cristiano Ronaldo – 120; Sporting – 118.

Aqui no Brasil, o jogo foi às 15h45 e agora são 21 horas no momento em que pinto minha tela branca de preto. O gol de bicicleta do Cristiano Ronaldo ainda se vê: na televisão, nos portais de notícias, nos perfis oficiais e não oficiais de times – Facebook, Twitter e Instagram –, na redação (que Deus proteja o jornalista esportivo de plantão do dia) e provavelmente em alguma rádio que o seu avô é o único ouvinte.

A gritaria dos narradores ecoa pelos autofalantes de

celulares em metrô e ônibus por todo o mundo, socos no ar de torcedores e não torcedores do Real Madrid são dados pelos bares afora e a cara que o técnico Zidane fez ao ver uma pintura sendo pincelada em campo, surfa na internet e promete permanecer por uns bons dias, com grande chance de tornar-se viral.

Apenas um detalhe que vou trazer-lhe ao terminar esta crônica súbita pós-euforia de ver 37 vídeos de um pequeno momento tornando-se o grande momento. Volte algumas linhas e procure um careca francês mais conhecido como o Carrasco de 98. Um dos maiores jogadores da França e do mundo, esse mesmo.

Hoje, Zinedine Zidane coordena o Real Madrid. Hoje, Zinedine Zidane coordena um dos maiores times do século XXI. Hoje, ao passar a mão em sua careca, Zinedine Zidane admite através de expressões faciais que: Cristiano Ronaldo é melhor que eu.

Sem frescuras ou gosto pessoal. Veja e reveja o lance, a aclamação do time, os aplausos de pé da torcida adversária. O cumprimento sincero de Buffon – lembrar que é o maior goleiro da Itália de todos os tempos e a cara de Zidane. Cristiano Ronaldo é melhor que você, é melhor que eu.

Uma observação na manhã seguinte do gol: com o som da bola sendo carimbada por CR7 ainda na mente, abro a janela do carro, pego o jornal e lá está na capa, três fotos, uma seguida da outra com a legenda: *O que – foi – isso?*



Guardiola

no

Vasco

Imagina que loucura seria, o técnico Guardiola sair do Manchester City e decidir comandar o time do Vasco. Como já dizia os vários críticos do Neymar após sua carta falando que buscava novos desafios ao ir para o Paris Saint Germain: *quer desafio? Vem jogar no Vasco*. Guardiola no time carioca em crise seria muito desafiador sim, mas, mais que isso, seria aquele tipo de situação na qual você vira para o seu colega e fala: QUÊ?!

É esse tipo de pensamento que passa pela minha cabeça. No dia 19 de junho, 5 dias após a Copa do Mundo da Rússia ter começado, já havia os seguintes resultados: Argentina empatou com a Islândia (seleção inédita na Copa, o país é pequeno e a tradição do futebol é recente), Alemanha atual campeã perdeu para o México, Japão ganhou da Colômbia e o mais lindo resultado de todos é Senegal ter ganhado da Polônia. Meu coração torcedor de zebras chega palpita com resultados como esses.

Com o passar dos anos, venho aprendendo muito sobre olhar com outros olhos, buscar novas perspectivas e observar de outro ângulo. Seguindo bons conselhos de um *coaching* de gestão de pessoas, me fez agir com mais assertividade e, no meu trabalho, ganhar muitos elogios. Mas, muitas vezes, e na maioria delas, escuto um sonoro: *Cala a boca! Você tá maluco?* (Vindo da minha grande crença nas zebras)

Me perdoe se meu crime é acreditar demais. Quando penso nessas improbabilidades doidas estou dizendo que: o Brasil tomava o seu quinto gol no jogo da semifinal da Copa de 2014. Eu só pensava: *vai Neymar, desce para o campo e faz 6 gols aí, por mim, pelo povo brasileiro, ainda dá para virar!*

Claro que já no sexto e sétimo gol eu já tinha desistido e acabei nutrindo tristeza e dor. Nem o Oscar com seu único gol me fez sentir esperança. Mas boa parte do jogo, um eu dentro de mim esperava uma maluquice fantasiada de milagre.

Não só no futebol isso passa pela minha cabeça. No Super Bowl LI (51) de 2017, o New England Patriots perdia de 28 a 3 no primeiro tempo e no segundo tempo fez a maior virada de todos os tempos do futebol americano. No meio do jogo pensei: imagina se eles viram? Em 2016, na liga norte americana mais famosa de basquete, quando o Cleveland Cavaliers (perdia uma série de melhor de 7 jogos) nas finais da NBA, já dada como vencida para o Golden State Warriors (estava 3 a 1), foram até o jogo 7 e foram campeões. Um amigo vira para mim e o seguinte diálogo acontece:

- *O Lebron James vai carregar o time e eles vão virar essa final.*

- *Vai nada, cala boca.*

(Ah, por favor né. Não são todas as vezes que fico acreditando em viradas, zebras ou maluquices. Boa parte do tempo mantenho minha sanidade para conseguir sobreviver neste mundo sóbrio.)

Voltando ao futebol, Senegal me fez brilhar os olhos. Países africanos não costumam ir muito longe em Copas do Mundo. Suas participações são pequenas e o protagonismo é pouco. A primeira vez que sediaram o campeonato mundial mais importante do futebol foi em 2010 na África do Sul. Então, ver a seleção de Senegal ganhar de um time europeu é muito bonito em vários aspectos. O principal deles, segundo o tema deste texto, é um lindo e sonoro bem feito aos que colocaram Polônia como favorita no bolão e nos programas esportivos.

As maluquices que já pensei que poderiam acontecer e

quase aconteceram, e as maluquices que eu só torcia porque claramente não aconteceria, mas acabaram acontecendo, me causam um sentimento que afeta o físico do meu coração, como por exemplo, um infarto. Não sei como é a sensação e espero não saber. Espero que compreenda ao ter a sensação de palpitar no fundo do seu peito e quando, ao voltar para o mundo físico, já está com a cara na televisão vendo tudo borrado porque não consegue aceitar que a realidade da maluquice aconteceu, está acontecendo, ou quase aconteceu.

E aconteceu: México (seleção que sempre vai, mas nunca chega longe) ganhando da Alemanha (atual campeã da Copa de 2014, tetracampeã mundial uma potência de fazer gols, *humilhadora* da seleção canarinho) na fase de grupos na Copa de 2018. Quando o apito final ressoou nos meus ouvidos percebi que estava acontecendo.

Nem preciso recitar a odisseia espacial da qual fiz parte quando a Coreia do Sul (essa mesmo) e-l-i-m-i-n-o-u a Alemanha da Copa da Rússia. Tenho certeza que cheguei a visitar Leo P! E não estou falando de uma pessoa, e sim de uma galáxia que está a 5 milhões de anos luz da Via Láctea.

Quase aconteceu: Japão (minha irmã me perguntou se eles já ganharam alguma coisa e minha única resposta foi: eles ganharam o Zico como técnico uma vez) fazendo 2 a 0 na Bélgica (favorita a eliminar o Brasil com um grande homem lindo chamado Lukaku e seu elenco de ouro desse país que é do tamanho de um Parque Nacional brasileiro). Não pude me conter! Dentro de mim meus órgãos estavam trocando de lugar como se estivessem sentados em lugares errados na sala de cinema. Está acontecendo, mas quase aconteceu e a Bélgica

virou o jogo faltando 10 segundos para acabar. Obrigado Copa, morri, mas passo bem.

Zebras acontecem e quase acontecem, principalmente tratando-se de Copa do Mundo. E são situações que colocam o ser humano em um lugar que ele não queria estar, mas acabou ficando e tem de aceitar que aquele espaço agora é dele. E o ser humano dentro de mim quer conquistar esse mundo que vive de cabeça para baixo. Parte do meu *eu sem noção* vira para o bom senso caminhando no parque e aborda: você já ouviu falar da distopia de realidade e quer experimentar uma dose de imaginação pensando no técnico Zidane treinando Everton Ribeiro, Paquetá e Guerrero no time do Flamengo?

Não se sabe ao certo de onde essa semente foi plantada no jardim secreto das distorções de realidade da minha cabeça. Mas desde cedo venho experimentando essas loucuras, como em 2006, quando entrei em uma comunidade, da finada rede social Orkut, que era: *Shevchenko no Cruzeiro*. Ele era um astro no time inglês Chelsea FC (depois de ter conquistado a Itália jogando no Milan FC); considerado um dos melhores do mundo (Bola de Ouro em 2004) junto com Ronaldinho Gaúcho; e o melhor jogador que a Ucrânia poderia ter visto em sua história. Será que ele topava jogar uma bola no Campeonato Brasileiro ou num clássico Cruzeiro e Atlético Mineiro?

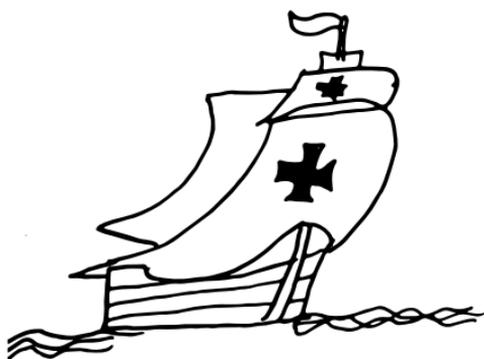
O que acalenta meu coração, me faz respirar em paz e traz conforto ao meu sono é que não sou o único doido. Não poderia ser dono desse título de maluquice sozinho. Pois em algum lugar do Brasil existem pessoas que acreditam que o improvável pode acontecer e fazem fazer valer de verdade, como por exemplo, o Anelka no Atlético Mineiro e o Drogba

no Corinthians. Duas situações em que os clubes brasileiros enganaram milhares e virou motivo de gostosas risadas. Claro que vale lembrar do Ronaldo Fenômeno no Corinthians e o Seedorf no Botafogo. Às vezes, a gente ganha e fica feliz por alguns períodos.

A narrativa se prolonga, posso continuar discorrendo sobre meus distúrbios de realidade e continuar torcendo por zebras improváveis ou contratos que nunca acontecerão. Mas se acontecer, pode rir junto comigo, pois há espaço na cabine desse foguete da imaginação.

Enquanto isso não acontece, penso que na final da Copa de 2018, quando o Brasil estiver perdendo para a Croácia de 2 a 1, o Tite olha para a cabine da Globo, e ele desce. Ronaldo entra em campo. Faz 2 gols e uma assistência para o gol de bicicleta do Neymar.

A temporada do Campeonato Brasileiro volta, Zidane agora treina o Flamengo, Guardiola larga o Manchester City para assumir o Vasco. Ronaldinho Gaúcho cansa do futevolêi e veste a camisa 10 do Fortaleza. Cristiano Ronaldo anuncia numa coletiva de imprensa quando chega a Juventus e fala: *foi mal pessoal, confundi os escudos, o time que quero ir é o Botafogo*. E eu viro dono do Real Madrid. Pode acontecer.



**O Felipão da minha vida: nem é
Felipe e nem Scolari**

Para de encher o saco e assiste o jogo Gabriel. E assim começa a minha história com o futebol. Pirraçando aqueles que estavam ao meu redor. A partir dali começava uma longa caminhada de choro e ranger de dentes e um pouquinho de alegria. Não porque comecei torcendo pelo Cruzeiro, por usar azul e por eu ver várias raposas na torcida. Mas sim porque eu começava a vibrar pelo esporte que mexeu, mexe e ainda vai mexer com minha alma, meu coração e meu humor.

Como todo mundo já não aguenta mais histórias de origem de super-heróis. Pera aí. Para começar este texto não é nem de super-herói, muito menos de origem de como comecei a gostar de futebol. Mas sim, de como o meu maior super-herói me fez apaixonar-me pelo esporte.

Ele mesmo, aquele que me ensinou a não piscar durante duas horas em frente à televisão nas quartas e domingos (e também aos sábados pela manhã). Também me ensinou a gostar de qualquer jogo que estivesse passando. Ensinou a acordar cedo no sábado de manhã e ver graça no futebol inglês torcendo para o time mais chato de todos os tempos (gosto do Campeonato Inglês e torço para o Chelsea, olha no que me tornei). Aquele que me presenteia com camisas futebolísticas herdadas dele mesmo, o meu irmão.

Um menino franzino, de óculos, *barbona* e cara amarrada de quem quer a maior distância de você. O maior *nerd* que já existiu, viciado em *Star Wars* colecionador de história em quadrinhos, jogador de *Final Fantasy*, que aos 12 anos, ao invés de curtir uma praia, ficou lendo revista de informática. Um garoto como esse, que se enquadra no estereótipo mais óbvio possível, você não imagina vendo uma partida de futebol. E

ficando indignado com o Barcelona eliminando o Chelsea na *Champions League*.

Foi essa pessoa que me ensinou a prestar um tipo de ritual ao sentar e ver uma partida. Mesmo tendo que entregar um trabalho da faculdade ou um site para um cliente, está lá na sala. No seu cantinho com o computador no colo, programando como se estivesse criando a Matrix, com a televisão ligada em algum canal de esporte.

Essa pessoa que, ao acabar a luz em casa, foi para o carro ligar o rádio e ouvir o Flamengo humilhar o Botafogo, e não era nem jogo importante. O que importava era fazer parte de um dos momentos mais sagrados da semana. Tornando também um dos momentos mais sagrados da minha vida. Foi ali que as graciosas vozes futebolísticas caíram do céu cantando em alta voz: *futebol é importante!*

Outubro de 2007, ventania, as águas de setembro que não vieram estão chegando, tempo fechado e um carro estacionando. Horário incomum para o carro chegar em casa. Eu, um garotinho desamparado e sem nada a fazer após uma semana incansável de provas, olha seu irmão mais velho segurando uma sacola de loja de produtos esportivos. Pensei: *isso não faz o menor sentido*. Seu irmão tira um objeto redondo e pequeno da sacola. Os olhos brilham e as pernas tremem. Era uma minibola de futebol para jogar no quintal de casa.

E foi assim que mais uma vez o super-herói do texto salva o dia trazendo paz e alegria aos amantes boleiros de quintal. Ao trazer essa pequena memória lhes apresento a importância de ter um alguém que te ensine a arte de amar o futebol. Seja quem for esta pessoa, pare o que estiver fazendo agora (que

provavelmente é lendo este texto) e vá abraçar, ligar, mandar mensagens e dizer o quanto a ama.

A minha forma de agradecer toda essa narrativa futebolística da minha vida ao meu irmão é lembrá-lo do dia em que o Chelsea foi campeão da *UEFA Champions League* em 2012. Na hora que o jogo termina éramos dois malucos correndo de um lado para o outro comemorando então, o chorado título que tanto esperávamos. Tantos anos acompanhando a trajetória do time que nos ensinou a ter paciência. Ver o crescimento dos jogadores e da luz imanente de Drogba ao fazer gols, e também o talento e liderança de Lampard.

Queria lembrar também da nossa maior satisfação brasileira com o Flamengo de 2009 com seu Império do Amor (Adriano imperador e Wagner Love no time). Inundamos o Píer 21 de preto e vermelho. Encontramos amigos e vibramos com a campanha maravilhosa que o time carioca nos trouxe. Mesmo sendo uma época em que parecia que estávamos em tempos diferentes, a lembrança de pegar a camisa de treino do Flamengo que tinha três estrelas e pintar em cima mais três é uma maravilha. Quando vou para uma partida com essa camisa o olho chega a brilhar.

Meu irmão sempre foi doido por esportes. Quando se trata do seu próprio time em decisões importantes, ele fica estressado, briguento, chato e *reclamão* (nada de novo debaixo do sol). E eu sempre lá na torcida da maluquice acontecer tentando colocar humor na angústia: bora time, vira esse jogo. *Alguém dá um mortal para trás aí e transforma essa tensão em alegria.* Sempre tentando acalmar a ansiedade do menino ao meu lado. Mas em uma ocasião específica os papéis se inverteram.

No fatídico dia do 7 a 1 da Copa de 2014.

O ar estava pesado, ninguém se olhava, pensamentos incrédulos, chateação servida na mesa da sobremesa e a torta de climão sendo fatiada. Até que no quinto gol alguém fala uma besteira e eu explodo. Meu irmão vira para o meu lado e diz: *vêi, fica de boa aí*. O pensamento que passou na hora: *quem é você para dizer para eu ficar de boa? Como ficar de boa com esse resultado? Olha para a televisão você está vendo o mesmo jogo que eu? Vamos dar tiro para cima, agressão física, destruir o patrimônio!*

A narrativa atual da minha história só é assim porque meu irmão a salvou das trevas de um mundo sem paixão pelo esporte, sem paixão pelo futebol. Ao ver uma partida, qualquer que seja, sei que busco os ensinamentos que ele me passou desde os tempos antigos. Boa parte dos milhares de esportes que acompanho, foram paixões criadas lá no início do meu senso crítico. Quem me ajudou a construir isso foi ele.

Ao colocar os dedos para digitar essa prosa de memória cronística futebolística, eu ia falar de como é emocionante acompanhar futebol pelo rádio. E citar o dia do rádio no escuro dentro do carro. Mas a sabedoria de Salomão que meu irmão tem, me iluminou para um caminho de gratidão por ser este menino apaixonado pelo futebol que sou. Obrigado, Filipe Schulz.



voador

o disco

Chegou

Como um bom torcedor, acompanhador e jogador de futebol posso afirmar com tranquilidade que *Ultimate Frisbee* é o melhor esporte. Ué?!

E vocês, leitores, acham que um escritor de livro sobre futebol obrigatoriamente assina um termo de compromisso na Federação de Escritores de Futebol (órgão vinculado à junção da Academia de Letras e a CBF) afirmando que é boleiro da mais alta performance?

Acalmem-se, neste livro não vou cometer o crime de dizer que o futebol não é o melhor esporte. Quando eu assinar o termo na Federação de Escritores de *Ultimate Frisbee*, aí sim, afirmo para eles que o esporte com disco é o melhor.

Por que, então, afirmar e cometer esse tipo de crime ao dizer que o futebol não é o melhor esporte? Bom. Apenas pela piada provocativa. *Ultimate Frisbee* é um excelente esporte que trabalha corpo, alma e espírito. Principalmente este terceiro item que o torna uma modalidade tão incrível.

E o que faz ele deter a *incredibilidade* é: você pode ganhar medalha por espírito de jogo e quanto mais espírito você tiver, mais legal o seu time será. Apesar das piadas e críticas infundadas em dizer que é um *esporte de cachorro*. O *Ultimate Frisbee* me ensinou a ser um melhor jogador de futebol.

Venho trazer-lhes três justificativas para explicar melhor o ponto. A primeira delas é que o jogador deve ir atrás do disco (a *bola* do *Ultimate Frisbee*), o atleta precisa ter fome de disco para conquistar mais terreno no campo. Ao contrário do futebol em que a bola chega até o jogador. Isso me ensinou: a ter fome de bola, estar mais disposto de ir atrás da redondinha e conquistar meu espaço dentro de campo futebolístico.

Puxando para mais um ponto, e aqui nossa segunda justificativa, o *Ultimate Frisbee* me ensinou a ter um melhor posicionamento de campo. Como minha posição pode mudar de ataque para defesa e de defesa para ataque num mesmo instante, fico mais atento ao que acontece em campo. Por causa disso, no futebol eu consigo ampliar minha visão e então marco melhor transformando-me num meio campista versátil.

Saber perder no futebol é uma tarefa muito difícil e que muitos times e jogadores nunca aprenderam, não aprendem e parece que nunca irão aprender. No *Ultimate Frisbee* saber perder é essencial na sua construção como jogador. É desafiador, mas ao mesmo tempo a cada jogo é um aprendizado novo.

No esporte com disco você comemora boas jogadas, sejam elas suas ou do seu adversário (isso inclui bloqueios, marcações, pontos e acrobacias doidas que eventualmente acontecem). Então se você está marcando uma pessoa e ela faz uma assistência em que o disco atravessou o campo todo fazendo um lindo ponto, é competência sua parabenizá-lo, mesmo que esse ponto tenha sido um gol de ouro ou um ponto que virou o jogo.

É essa a maior justificativa dos adjetivos do *Ultimate Frisbee*. Isso me faz um melhor atleta boleiro. Mesmo perdendo, mesmo sendo humilhado por um drible ou por tomar um frango no gol, o *Ultimate Frisbee* me ensinou que isso faz parte do jogo e que reconhecer o mérito do adversário é dureza, porém é gratificante. Principalmente se tratando de uma grande competição, onde pessoas precisam ser assim. Como por exemplo: Copa do Mundo.

Observe a Copa de 2018 na Rússia! Quero que olhe de novo

os jogos da Argentina e os jogos de Portugal. Prestem atenção na forma como os jogadores se comunicam e como se portam dentro e fora de campo. Nunca vou esquecer de duas cenas específicas: Messi indo para o vestiário após perder de 3 a 0 da Croácia na fase de grupo. E Cristiano Ronaldo gritando - *Vamos!* - para seus companheiros de equipe ao tomar um gol do Uruguai nas oitavas de final. Ambos com a faixa de capitão no braço.

Claro, são casos específicos e não tiro o mérito do Messi ser um excelente jogador e que muitas vezes assumiu a liderança do time e motivou seus companheiros a vencer. E nas vezes em que o ego de Cristiano Ronaldo foi maior que sua habilidade com a bola. A observação que quero fazer é: se eles dois tivessem jogado Ultimate Frisbee antes, eu não estaria aqui tentando te convencer que jogar um disco para o ar é melhor do que chutar a gol.

(Risadas)

(Mais risadas)

(Volta para o texto)

(Enxuga as lágrimas risonhas)

(Volta para o texto de vez)

Eu não sei se você riu. Se sim, parabéns! Você é vitorioso e entendeu que só queria dar uma descontraída para que os agentes fiscais da Federação de Escritores de Futebol não me multem.

Manter a sanidade mental dentro de campo, seja com o disco na mão, seja com a bola nos pés é uma tarefa árdua. Principalmente se tratando de títulos, carreira, salário, medalhas,

mérito e marcar a história do esporte. A comparação que lhes trago neste texto nem é para afirmar, nos finalmente, que *Ultimate Frisbee* é melhor que futebol ou que futebol é o melhor esporte de todos os tempos. Quem discordar, discordou. Quem não discordar, não discordou.

Eu só queria trazer alegria para o meu povo, já dizia David Luiz, e a alegria que lhes trago é: hoje sou um melhor jogador de futebol por causa do *Ultimate Frisbee*.



A gente mora no quadrado

Ônibus lotado. De um lado, duas cores em listras. Do outro, uma cor predominante e forte. A cidade estava dividida. E eu sem saber o que fazer, acabei ficando em pé para não dizer de que lado estava. A cidade apresentava apenas três cores, representando dois times. A temporada dos campeonatos estaduais estava pegando fogo.

E se não tomasse cuidado, eu logo estaria pegando fogo também. Uma ardência invisível estava no ar e contaminava os cidadãos. Um amor incontrolável brilhava nos rostos das ruas. A vontade de entoar em plenos pulmões hinos e cantorias era servida na barraquinha do cachorro quente. Que belo dia para resolver passear na cidade.

Meu pai avisou e logo a mulher dele me deu um toque. Ainda bem que estava vestido de laranja. E ainda bem, mais ainda, nenhum dos dois times tinha escolhido o laranja como a terceira camisa (uma escolha um tanto quanto doida que os times fazem ao definir as cores para representar a terceira camisa do time).

Era frio, no momento, a cidade mais fria do planeta segundo seus habitantes friorentos. Mas não, o calor futebolístico incendiava as ruas a cada momento que se aproximava da hora do jogo. Eu ia encontrar com meu pai no centro. O medo se instaurava, o medo de ser queimado vivo pelos torcedores incendiários, de alguém me sequestrar e fazer uma lobotomia para inserir canções, ídolos, escudos e paixão por algum dos dois times.

A solidão me pagou a passagem no passeio enquanto a tristeza nos aguardava na próxima parada do ônibus, que a cada curva crescia mais com um corredor infinito de torcedores.

Enquanto o tempo passava dentro do ônibus mais me sentia num dos maiores clichês da cinematografia nova iorquina: a pessoa do interior frequentando a cidade grande.

Que deslumbramento magnífico era aquele que eu passava. Um menino brasiliense nascido e criado em meio a uma cidade com tanta planície que a chatice de não ter tradição no futebol dominava plenamente o Plano Piloto. E como um bom nativo do quadradinho do Brasil, qualquer coisa fora de Brasília era incrível. Nenhuma cidade era retangular e nenhum dos outros habitantes fora de Brasília se orientava para chegar a um endereço usando o plano cartesiano.

O quadradinho do centro do Brasil é composto pelo resto do país. Seja culturalmente seja fisicamente como pessoas. Logo, as tradições que aqui se têm são todas importadas, misturadas e recriadas. A cidade ainda não fez nem 100 anos. Muito criança para dizer: *isso é muito brasiliense*. E tem uma coisa que vai ser muito difícil é dizer (ainda) é que o Campeonato Brasiliense tem tradição. Tudo bem que alguns anos atrás tivemos nosso queridos Sociedade Esportiva do Gama (1999 – 2002) e o time CEUB Esporte Clube (1973 – 1975) na primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

E, apesar dos esforços dos grandes clubes jogarem aqui em Brasília de vez em quando, a cidade ainda não experimentou a euforia de um domingo de final de campeonato estadual. Ou uma quarta-feira à noite de oitavas de final da Copa do Brasil. Então, o que aquele *eu* em 2012 vi na outra cidade era um brilho eterno de uma mente de muitas lembranças futebolísticas que não existiam.

Desci do ônibus ainda em choque anafilático metafórico

por conta dos ares turbulentos da cidade com os torcedores. E pensar que o meu trajeto não era nem o do estádio, era apenas um trajeto qualquer (imagina se fosse o caminho do estádio). E tudo fez mais sentido ainda, quando, ao descer no centro foi muito fácil achar meu pai. Era o único vestido de preto. Então, não importava para onde você ia. Todas as pessoas da cidade estavam travestidas dos times.

Pai! Isso é muito doido! Fui logo dizendo, que coisa mais maluca atravessar todo esse caminho e respirar futebol desde o mais neném ao mais velho senhorzinho. E as senhorinhas com blusões de lã nas cores dos times. Talvez elas nem se importassem com o futebol, mas era dia de jogo. Jogo de grandes rivais, era preciso demarcar o território e andar com um taco de beto para garantia.

Pobre brasiliense. Era só mais um dia de jogo. Faz parte da vida da cidade se comportar daquele jeito. De viver a batalha das chuteiras nas ruas, vivenciar uma rivalidade que perdura por anos e mantém todo mundo em uma sintonia bonita. Um mar de rubro negros e verdes caminhando para suas casas, bares e estádio sonhando com algum gol bonito. Saboreando a incerteza de como será o dia seguinte da cidade, será que vai ser tomada pelo Furacão (Clube Atlético Paranaense) ou uma multidão de Coxas verdões (Coritiba Foot Ball Club).

Pobre habitante do quadradinho, que passou longe do roteiro glamoroso do eixo Rio – São Paulo. Não viveu as ruas cariocas ou paulistas e sim as curitibanas, mesmo sabendo que as comparações dizem que as tradições são maiores no Rio e em São Paulo. Mas que importa?

A experiência pessoa-do-interior-na-cidade-grande,

traduzida aqui como: *pessoa-de-brasília-na-cidade-de-time-tradicional*, foi única. E a mente sem lembranças futebolísticas foi preenchida com muito fervor incendiário das torcidas de massa.

Um dia quem sabe, chova labaredas do bom futebol no Plano Piloto, fazendo com que as seis faixas do Eixo Monumental sejam tomadas de cores, bandeiras e ônibus lotados de torcedores malucos. Que a rodoviária seja dividida em dois. Que em uma quarta-feira a Asa Sul seja de uma cor e a Asa Norte seja de outra. Que no domingo à noite a Ponte JK seja iluminada com os escudos dos times.

E há de chegar o dia em que: *Caramba! Você já viu jogo em Brasília?! É maravilhoso! A cidade para.*



CHUTEIRA

PRETA

Somos porque ganhamos. Se perdemos, deixamos de ser. A camisa da seleção nacional transformou-se no mais indubitável símbolo de identidade coletiva, e não só nos países pobres ou pequenos que dependem do futebol para figurar no mapa.⁵

Tá. Mas, e as chuteiras? Lindas palavras que resumem o ser brasileiro de 4 em 4 anos. Ou o brasileiro que precisa dizer que é do Brasil em qualquer canto do mundo sem precisar de sua gritaria natural. Lá pelos meados de 2003 pós fenômenos *Ronaldinhos* em que se você fosse para o exterior usando a famosa camisa canarina, os gringos vinham com saudações: *Ronaldinho, caipirinha, samba, carnaval, churrasco, Pelé*.

E então criou-se a globalização do clichê de que todo brasileiro só sabe fazer três coisas: jogar futebol, sambar e jogar futebol sambando ou sambar jogando futebol. Obrigado pentacampeão mundial!

Digo isso sem rancor, com ironia pois me divirto com a nossa melhor exportação global além do Carnaval. O futebol trouxe visibilidade do planeta ao Brasil e cada Copa do Mundo que acontece damos um show, seja vergonhoso e esquecível (2006 e 2010), humilhante (2014) ou questionável (2018). Claro que com o crescimento da globalização de cultura conseguimos exportar outras coisas como o exemplo das novelas (obrigado, Avenida Brasil).

Tá. Mas, e as chuteiras? A camisa da seleção nacional de futebol é um dos maiores símbolos por meio da qual uma

5 GALEANO, Eduardo. Futebol ao Sol e à Sombra. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. P. 230

pessoa pode transmitir mensagens. Elas são colecionáveis, em alguns casos são bem bonitas, tão lindas que existem grifes que fazem coleções retro de camisas famosas. E as pobres das chuteiras são lembradas por alguma coisa? Eu acho que não.

O que é mais explicável é que as chuteiras, por umas boas e várias décadas, eram simplesmente pretas. Com o avanço da tecnologia, da colorização, da moda e tudo o mais que envolva combinar sua chuteira com o bermudão, com a camisa ou com as cores dos times, que obviamente são as cores do bermudão e da camisa. A chuteira preta se perdeu no espaço tempo e, hoje, é um símbolo de *me respeita que uso chuteira preta*.

Ou seja, o jogador usuário de chuteira preta é o mais respeitado. Aquele que se apegava à tradição e é abençoado pelos espíritos do antigo futebol. Ele sabe que qualquer uniforme que colocar, a chuteira preta estará lá para dizer ao mundo que qualquer cor combina com preto. Chuteira preta é contracultura, é o anarquismo da moda futebolística que vem para quebrar os padrões coloridos que são produzidos pela máquina cultural invisível do sindicato das chuteiras multicores.

Eu não tive muitas chuteiras na vida, apesar de estar vivendo um momento em que respiro futebol, minha carreira como futebolista não é desde a infância, apesar das tentativas. Lá pelos 10 anos eu já tinha desistido do futebol e fui para outros esportes. Voltei para as quadras e campos só 10 anos depois.

Se for contar meus poucos anos andando sobre esta terra da bola, tive quatro chuteiras ao total, em 25 anos. A primeira (4 anos de idade), obviamente, era preta – em uma tentativa safada da minha mãe de me uniformizar completamente de Corinthians. A segunda (aos 8 anos) era de um azul escuro,

na época todos os meninos tinham a chuteira azul escuro ou preta da Pênalti.

A terceira (20 anos), infelizmente é um momento triste da história das chuteiras pretas de minha vida, pois foi a vez da cor dominar a minha escolha. Azul brilhante com detalhes roxos e laranjas com cadarço laranja. Para ao menos me justificar: ou era essa ou era uma linda toda branca com alguns detalhes em verde e rosa, mas 100 reais mais cara por simplesmente ter um grande e ridículo *M*, pois era especial do Messi.

E, enfim, a mais nova chuteira que batalhei por três *shoppings* diferentes, subindo e descendo escadas, desbravando corredores de gente lerda. Me desviei de praças de alimentação tentadoras e me perdi no labirinto das livrarias. Que dificuldade é achar uma simples chuteira preta nesta cidade. A indústria da colorização das chuteiras tem dominado o mercado e feito cirurgias hipnóticas na mente das crianças e consumidores de chuteira. Quanto mais cor, mais detalhe mirabolante, quanto mais raio laser a chuteira tiver, mais legal você será. Mas enfim eu consegui e achei uma simples chuteira preta.

Minha única lembrança de uma chuteira preta que era cobiçada por muitos era a R10. Edição especial da Nike em parceria com o Ronaldinho Gaúcho. Era apenas uma chuteira preta de couro com um bordado dourado de R10. Obrigado Ronaldinho por fazer parte de uma fagulha de esperança na minha vida futebolística. Fazer todo garoto sonhar em ter uma chuteira linda e preta. Sentimos saudades.

É com esse sentimento que encerro esta narrativa que começou com camisas que representam nações e terminou com

saudosismos de um tempo que aparenta não voltar mais. Mas existe uma luz e ela se chama melhor lateral esquerdo que o Brasil já teve: Marcelo. Ele que em uma entrevista mostra sua coleção de chuteiras. Pois uma vez seu avô disse: *todo jogador troca camisa no fim do jogo, porque você não troca as chuteiras com eles?*

Sim, as camisas de times serão o maior símbolo de representação. Principalmente se tratando de times nacionais. A nossa canarinha é linda e seu amarelo grita ao mundo que temos 5 estrelas no peito. Nosso futebol não morreu e ainda respira. Mas o que seria do nosso futebol sem a boa e velha chuteira preta?



**Twitter
mais
uma
vez**

Estava eu em busca do vale perdido do mundo das ideias. Olhava para a tela branca do Word e ela olhava de volta para mim com um sentimento de *e aí querido, vamos?* Esse, claro, seria o cenário ideal para alguém que esteja com aquele problema que muitos escritores têm. Como não é o caso aqui, vamos prosseguir no que importa realmente.

Ontem, dia 23 de agosto de 2018, me deparei com uma experiência futebolística inédita. Vi um jogo pelo Twitter e não foi por transmissão ao vivo como a rede faz com alguns esportes (já teve momentos que o próprio Twitter transmitiu jogos da liga nacional de futebol americano, a NFL). Foi acompanhando em tempo real de *tweet a tweet* a conta oficial do Flamengo.

Como? É o que você deve estar se perguntando. Se não estiver pode perguntar. Vira para a senhorinha do seu lado aí no ônibus e pergunte. Perguntou? Então pronto, vamos ao que realmente importa novamente.

Antes de ser um poço de declarações sobre a desgraça alheia, auto depreciação, piadas sem fim e personalidades tentando engajar um novo público, muitas pessoas narravam seu dia a dia na rede social de 140 caracteres (hoje 260), literalmente assim:

Acabei de acordar.

Escovando os dentes.

Gente, perdi o ônibus.

Gente, veio logo outro em seguida.

Está vazio.

Derramei café na minha mesa do trabalho.

Partiu almoço.

E por aí seguia até a hora de dar boa noite aos seus seguidores. Atualmente esse costume se perdeu e poucas pessoas fazem isso, é mais comum nos novos usuários, e logo eles entendem o propósito implícito da rede social: reclamar e rir. Sentir dor e sofrimento. Piadas e mais piadas e alguns que se atrevam a dar aquela pitada de política.

Voltando ao jogo do Flamengo. Era 19 horas e eu estava perdido nos meus pensamentos, tentando organizar palavras na minha cabeça para então escrever este belo texto. Entre uma piada e outra na rede social encontro um tweet da conta oficial do time do Flamengo – *FIM DO PRIMEIRO TEMPO! Com gol de Diego, estamos na frente do placar: Flamengo 1x0 Vitória #FLAXVIT*. Eita! Tinha jogo hoje e eu nem lembrava.

Por uma inércia mental e por estar grudado na minha cadeira lendo e estudando há horas, acabei não procurando onde assistir o jogo. Fiquei acompanhando no Twitter e pensei: *isso vai dar um texto*. Cá estamos.

Sei que essa prática é comum nas outras contas de outros times. Uma narração sem parar durante 2 horas. Mas comecei a acompanhar as do Flamengo e do Chelsea FC há pouco tempo. Ainda não tinha participado dessa experiência bizarra de acompanhar um jogo em tempo real pelo Twitter. Algo que é bastante comum na rede social quando acontece algo espetacular no mundo: Oscar, debates de presidenciáveis, Copa do Mundo, Carnaval, Miss Universo e, até pouco tempo atrás, o Enem era muito comentado apenas porque circulavam vídeos e mais vídeos de pessoas correndo desesperadamente para não perder a prova, e claro, dar de cara com o portão ou até mesmo com o chão.

Voltando de novo ao jogo do Flamengo. Algumas linhas acima, eu disse que era bizarro ver o jogo no Twitter. Sim, pois sou de uma geração que foi educada pela televisão (Ah! Pronto! Chegou o idoso que só falta falar *na minha época*). Chegar da escola e não sair mais da sala de TV. Passar horas vendo desenhos, novelas, séries, filmes e, eventualmente, especificamente novelas mexicanas.

Nossa segunda mãe e nosso segundo pai nos mostrava espetáculos em um vidro de 29 polegadas pesando 37 mil toneladas por causa de um complexo tubo ligado a fios que transformavam as ondas dos satélites das emissoras em imagem. Essa que era um estúdio com vovós na plateia e no centro do palco um homem de risadas doidas, com um microfone prateado no peito gritando: Quem quer dinheiro?!

Para falar a verdade, a experiência nem é tão catastrófica de fato. É só mais um acontecimento do atual meio de comunicação – internet – que domina minha vida pessoal. Essa vivência de ontem me fez refletir. E logo em seguida me deu um tapa na cara para dizer: *não ache que você faz parte de uma geração tal de velhos que viveram os longínquos tempos analógicos. Admita garoto, você é um fruto do milênio, a famosa e problemática geração millennial.*

(Por favor, pelo amor de qualquer coisa, fale do jogo do Flamengo).

Pois então. Ele ganhou do Vitória por 1x0 e conseguiu seus tão sonhados 3 pontos e se mantém na busca de voltar para a liderança do Campeonato Brasileiro. O gol de Diego eu não vi, eu li. Li com fortes emoções transpostas pela pessoa por trás da conta do time no Twitter. Essa que a cada momento

emocionante falava: UUUUUUUUH (insira aqui algo emocionante como o Lucas Paquetá ter quase feito um segundo gol).

Eu não vi o jogo. Eu li, através de *tweets* com *gifs*, imagens genéricas em preto e vermelho, *hashtags* e muitas palavras em caixa alta. Li o jogo com a minha imaginação, como se fosse uma narração de rádio, só que escrita de 260 em 260 caracteres. Ler o jogo pela primeira vez do início ao fim me trouxe uma sensação estranha. Não parecia real, mas estava ali.

Eu vi os passes, eu vi as defesas e os quase gols do jogo. Mas não era uma tela de televisão. Era a tela do meu computador. Com a ajuda dos meus olhos imaginativos ao ler a linha do tempo do Twitter consegui vislumbrar o gramado e o *ballet* futebolístico que acontecia no Rio de Janeiro.

Os tempos mudaram e as telas são outras, mas a imaginação permanece a mesma. Sair do real e tátil da televisão é bizarro, estranho e enjoativo. Porém, permanecer com minha mente e coração no gramado é a coisa mais deliciosa que existe.



**GARGANTA
TORCIDA**

Um sonho: ficar em pé mais de duas horas, em uma arquibancada de concreto gritando sem parar, empunhando uma bandeira maior que minha casa e entoando músicas para animar os outros onze lá em baixo no campo. Fazer de desconhecidos meus melhores amigos, chegar no trabalho no dia seguinte sem medo de dizer sem voz: *eu estava lá*.

Sim, eu nunca fui em um estádio de futebol. O QUÊ?! É a reação de 76,4% das pessoas quando afirmo isso. Como é que um torcedor-escritor-amante-da-arte-desportiva nunca foi sequer a um *estadiozinho*? Como assim, um pregador-da-bona-apreciação-do-futebol-na-literatura nunca foi ver seu próprio time no estádio? Está bom, não posso dizer nunca, mas a única vez que fui no estádio foi numa feira de livros que teve no Estádio Mané Garrincha.

É um fenômeno que se eu for parar para lhe explicar, não conseguirei responder os questionamentos. Simplesmente, não sei porque nunca fui. E agora que tenho sua devida atenção, vou trazer um assunto importante: ser torcedor. Nunca ter ido ver um jogo no estádio não diminui meu papel social como espectador do futebol, de ter minha carteirinha de fã ou meus minis ataques cardíacos por causa do meu time.

Ser torcedor é estar dentro de um grupo social que o distingue de outros grupos. Se nós vivêssemos em um grande e eterno jogo de RPG (ué, não estamos?), minha classe social teria atributos muito expressivos de torcedor. Apesar de passar algum tempo fora dos campos da torcida futebolística, quanto mais tempo escrevo este livro, mais vou adquirindo novas habilidades que foram trabalhadas ao longo da minha carreira neste jogo doido de RPG. Comumente chamado *vida*.

E é sobre ela que vou falar um pouco para vocês. Aos 12 anos, otorrino falou: *you tem uma voz estragada, não grite em hipótese alguma*. Suas cordas vocais não vão dar conta. Na semana seguinte, teve jogo interclasses na escola e o resultado já sabemos. Continuo tendo uma voz danificada e a cada ano que se passou desde então, gritei em todos os jogos de interclasses possíveis.

Ah! Mas aí na faculdade você parou né? Tratou e tudo mais. Bom.... Por dois anos e meio fiz um curso que tinha muita tradição no esporte. E para manter essa tradição, participamos em todas as modalidades possíveis. Um agradecimento irônico aos Jogos Internos da Universidade de Brasília (JIUNB's). Mais gratidão irônica ainda são os Jogos Internos da Biologia (o INTERBIO era tão intenso que mesmo após ter saído do curso, por mais três anos fui competir como ex-aluno do curso). Sem contar os maravilhosos (esse sem agradecimentos irônicos) Jogos da União da Mocidade Presbiteriana – JUMP, dos quais participo jogando e também continuo a gritar sem parar.

Gritei, mas gritei por todas as pessoas possíveis dentro do campo como jogador: ala direita no basquete, ponta no *handball*, corredor da prova de 2.400 no atletismo, zagueiro no futsal e *cutter* no *ultimate frisbee*. Eu só não gritei no xadrez (no Interbio de 2012 a seleção de xadrez da UnB estava desfalcada, precisei cobrir os atletas da mente) porque talvez teria sido expulso. Mas ao me tornar torcedor de xadrez, ninguém me segura.

Gritei fora de campo para todos os times possíveis. Sejam os profissionais, sejam os amadores. Principalmente por dois times específicos, os quais me deram brilho nos olhos e

rouquidão contínua, com tamanha destreza e habilidade: as mulheres do *handball* feminino no Interbio de 2012 e de 2015. E as mulheres do futsal feminino no JUMP de 2018.

Gritei até não poder mais, destruí minhas cordas vocais até a lembrar-me do médico lá no passado falando: *pare de gritar menino*. Minha vocação como torcedor, ao pesar em uma balança e competir com minhas habilidades como jogador, fica meio a meio. Porém ela treme de vez em quando enganando o observador, igual ao peão no final do filme *A Origem* (2010 – Christopher Nolan).

Numa dessas vezes que não sei dizer se fui mais torcedor do que jogador ocorreu em 2009, no interclasses do Colégio Alub. Tínhamos 6 turmas: 3 de segundo ano, 2 de primeiro ano e 1 de terceiro ano. É claro que as 2 turmas de primeiro ano se uniram à sofrível do *terceirão*. Enquanto as 3 de segunda cantavam em uníssimo, canções que não paravam.

Foi um bom ano para o meu *eu* atleta, o 2º B, que era a minha turma, dava uma aula de como dançar um tango impossível na modalidade de *handball*. Ao mesmo tempo em que ocorria um jogo de segundo ano contra outra turma que não fosse do mesmo corredor do *segundão*. A torcida ia ao delírio deixando todos da escola como se estivessem dentro do Maracanã num domingo à tarde na final da Taça Guanabara.

Torcer faz parte da minha nutrição diária, minha alimentação saudável. Como espectador de futebol consiste em ficar na frente da televisão gritando de dentro da minha alma para toda minha vizinhança. Outra forma de me alimentar – e é o que manteve meu corpo em dia durante todos esses anos – foi indo a todas essas competições citadas acima.

Eu só preciso tomar cuidado quando estiver no trânsito ouvindo algum jogo de importância, posso causar um acidente ou dar susto nas senhorinhas que estão atravessando a faixa. Como no dia em que o México fez um gol na Alemanha na Copa de 2018. O grito foi tão estrondoso que os 3 caras que estavam no carro do meu lado deram aquele pulinho de susto. Rimos muito.

Estar presente do lado de fora do campo é a vitamina que mantém meus músculos funcionando, o cálcio que sustém a força dos meus ossos. O frescor do alívio de uma pele hidratada. Ser torcedor não é apenas pertencer a um grupo de pessoas específicas. Participar de cantorias, mesmo que sejam na frente da televisão é me fazer acreditar que estou ao lado daqueles malucos. Enquanto não acontece, sigo torcendo e sentindo. Sigo gritando.



Agradecimentos

A Deus, o autor da História, da minha, da sua e da minha capacidade de imaginar tantas coisas boas e de se deliciar com um lindo esporte que é o futebol. A sabedoria vem dos céus e a gratidão vem do coração.

A fadiga debaixo do sol só é menos pior quando se está cercado de pessoas maravilhosas, as quais coloco cada nome aqui com um sorriso no rosto. Sintam-se abraçadas e lembradas com carinho, sem vocês eu não seria nada. Como uma boa pessoa de memória forte, digo e afirmo que é possível lembrar-me de todo mundo. Vamos ao que interessa.

À minha família, *quanto mais a gente brigar, menos a gente vai se divertir*. Numa discussão eu disse isso, virou meu bordão que explica muita coisa. Em tempos sombrios e tempos de luz, vocês estavam lá me erguendo. Dicas, apoio, revisões (a melhor revisora do mundo se chama *Minha Mãe*), briga, e muito amor. Esse livro faz parte da minha vida como vocês sempre fizeram. Filipi Xils, o irmão mais chato do universo é também a pessoa mais chata do universo: obrigado irmãozinho. E obrigado, cunhada Mari, por ser a única pessoa que aguenta a pessoa mais chata do universo e também por me alimentar e me acolher nos dias difíceis. *Minhocuda, Preciosa Rodela, Meu Bolinho*, só de escrever estes apelidos eu me emociono, minha parceira em todas as burradas que eu já fiz foi também minha parceira nessa caminhada boa, que é este livro. Seu Sammerson, papai querido que me ensinou que ser flamenguista é bom também, paciência sempre. Dona Angélica, você é a rainha de tudo. O resto, nadinha.

Gabriela Freitas, a orientadora dessa loucura toda, não grato sou pela sua paciência, sabedoria, apoio e cuidado. Bebedora de água com gás e comedora de balinhas de menta, sempre lá conversando e me afogando com um milhão de ideias, desde a primeira, com a exposição de fotos, até este livro. Inúmeras conversas e orientações do que fazer e do que não fazer. Bom, ficou pronto e o resultado é só sorrisos.

Tati e Aninha, as duas belíssimas e incríveis artistas deste livro, como não ficar feliz ao lembrar de vocês e da dedicação das duas. Tomei o tempo de vocês, enchi o saco e fui chato. Mas eu sabia que era tudo com amor e carinho, assim como o trabalho que fizeram. Obrigadasso e estou devendo umas cervejinhas.

Amigos queridos, se eu passar a citar cada um, os agradecimentos serão do mesmo tamanho do livro. Queria dedicar cada parágrafo para cada doido que se encaixa no título de amigos, mas como preciso exercitar minha síntese de palavras, sintam-se lembrados.

No entanto, mais especificamente quero agradecer às seguintes pessoas:

- Ao grupo do *Tios do Carlos* (João Alice, Pedrinho, Luís, Bimba, Henrique, Adoniram Judson, que homem, Silas Flor, Lucas Pequi, Marcel Ronaldo) que tem um capítulo dedicado a todas as nossas experiências com o *fifinha*.

- A melhor equipe de comunicação que eu já trabalhei até agora, meus lindos do ICMBio: vocês são incríveis e a cada bolo que comemos mais feliz eu fico. Obrigado DI COM.

- Família Mansano, o que seria da minha vida sem a Arena Mansano? Boa parte dos meus ataques cardíacos mais

emocionantes vieram de jogos assistidos neste lugar sagrado. Obrigado Dona Alice, Seu Ricardo, Xuãozin e Xulinha.

- Aos professores da Faculdade de Comunicação que me ajudaram de alguma forma, desde referências, apoio, ensino e muitas conversas interessantes sobre futebol ou não. Destaco aqui: Fernanda Martinelli, Liziane Guazina, Felipe Pollydoro, Gustavo de Castro, Luciano Mendes e Selma Oliveira.

- Ao vascaíno mais *fake* que conheço, obrigado por estar ao lado da minha irmã e aguentar cada chatice minha. Um dia vamos dirigir até Curitiba juntos. Valeu Rodo.

A todos que falaram: *que massa!* Quando eu disse que estava escrevendo um livro de futebol. E a todos que me aguentaram quando eu não parava de falar sobre esse trabalho. Principalmente aqueles que me seguem no Twitter.

A gratidão é eterna, assim como a lista do que poderia estar aqui. Um dia darei uma super festa em que a atração principal será eu sozinho no palco falando o nome de cada convidado seguido de um obrigado. Enquanto isso não acontece: Obrigado a todos os envolvidos.

Este livro contém histórias de futebol contada por crônicas. Narrativas interessantes que fazem qualquer torcedor lembrar que o nosso futebol ainda respira. Aqui escrevo igual a uma partida de futebol, correndo, e claro, marcando gol.

O livro responde questões individuais minhas a respeito da relação que o brasileiro tem com seu próprio futebol. A relação que ele criou ao longo dos anos e a construção do imaginário em cima do esporte. Ou seja, alegria nas pernas e ousadia nas escritas; histórias futebolísticas deliciosas que acalentam o coração de qualquer um. Gostando ou não do esporte, o livro é para toda a família.